

Linguagem e temporalidade na estruturação do *Lebenswelt*: uma proposta de investigação

Language and time in structuration of life-world: a
research project

Prof. Dr. Hélio Salles Gentil

Universidade São Judas Tadeu – USJT¹⁵

RESUMO

O trabalho apresenta uma perspectiva de investigação das estruturas do *Lebenswelt*, em particular de suas dimensões temporal e linguística. Faz isto a partir das características desse mundo destacadas por E. Husserl em sua obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* e das relações essenciais estabelecidas por Paul Ricœur entre a experiência humana do tempo e as narrativas em sua obra *Temps et Récit*. Enfatiza-se a interpretação das narrativas de ficção como via de acesso privilegiada à compreensão dessas relações e de seus modos de participação na estruturação de um mundo, considerando-se a elucidação da natureza e lugar das narrativas históricas e de ficção na existência dos homens levada a cabo por Ricœur em sua hermenêutica.

PALAVRAS CHAVE

Lebenswelt; Tempo; Narrativa; Husserl; Ricœur.

ABSTRACT

This paper aims to present an way to inquiry the structures of the life-world, specifically on their temporal and linguistic dimensions. It's done from the remarkable characteristics of this world appointed by Edmund Husserl in his work *The crisis of European sciences and the transcendental phenomenology*, and from the essential relationships between human time experience and the narratives established by Paul Ricœur in his work *Time and Narrative*. The interpretation of fictional narratives is indicate as a special way to access and to understand

¹⁵ Email: prof.heliogentil@usjt.br

this relationships and these participation in the structuration of a world, with foundation in the elucidation of nature and place that historic and fictional narratives has in human existence, how established by Ricœur in his hermeneutics.

KEYWORDS

Life-world; Time; Narrative; Husserl; Ricœur.

INTRODUÇÃO

O que se apresenta aqui é muito mais a formulação de uma pergunta e de um possível caminho para respondê-la do que uma resposta ou uma posição definida. De que maneira a linguagem e a temporalidade participam na estruturação do *Lebenswelt*? Antes, este “mundo da vida” tem uma estrutura passível de descrição fenomenológica? São a linguagem e a temporalidade dimensões constitutivas dessa estrutura? De que maneira? De que *Lebenswelt* estamos falando? É o mundo tal como nos aparece na experiência cotidiana, na atitude natural?

Pensando na “matematização galileiana do mundo”, perguntando por seu sentido e buscando a reconstrução do pensamento que a motivou, Husserl escreve no §9 de *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*, obra daqui em diante referida como *Krisis*:

“O mundo é pré-cientificamente dado, na experiência sensível cotidiana, de modo subjetivo-relativo. Cada um de nós tem as suas aparições, e estas valem para cada um como aquilo que efetivamente é. Interiorizamos há muito, nas nossas relações recíprocas, esta discrepância entre as nossas validades de ser. Não julgamos por isso, todavia, que haja muitos mundos. Cremos necessariamente no mundo, com as mesmas coisas que, contudo, nos aparecem diversamente.” (HUSSERL, 2012, p. 17, <20>)

Laurent Perreau (2010) destaca a primeira frase desse trecho, (“o mundo é dado pré-cientificamente na experiência sensível cotidiana de modo subjetivo-relativo”) como sendo uma definição de Husserl para o mundo da vida que, ainda que apareça de forma “bastante súbita”, é “notável” por sua concisão. Está aí, segundo ele, as “quatro determinações conceituais maiores” do mundo da vida: é pré-científico, é intuitivo, é o entorno cotidiano (*Umwelt*) e é subjetivo-relativo.

Distingue então que de uma perspectiva ontológica, este mundo da vida seria a totalidade dos entes (*étants*), enquanto que de uma perspectiva transcendental seria a “estrutura pré-dada da experiência”, como “solo” e como “horizonte” dessa experiência, para destacar que:

“Sob esse título Husserl quis pensar a “vida” intencional do sujeito desde sua relação originária ao fenômeno do mundo. O “mundo da vida” é, assim, esse mundo que não cessamos de fazer nosso, segundo modalidades de apropriação práticas e teóricas bastante diversas. Mais precisamente, ele representa uma esfera de experiência pressuposta por toda atividade teórica e prática: o “mundo da vida” é, ao mesmo tempo, o solo pré-dado e o horizonte persistente de nossa experiência subjetiva.” (PERREAU, 2010, p.251).

Trata-se, portanto, de acordo com estas expressões de Perreau bastante esclarecedoras, de pensar a “relação originária” com “esse mundo que não cessamos de fazer nosso”, “uma esfera de experiência pressuposta por toda atividade teórica e prática”, “o solo pré-dado e o horizonte persistente de nossa experiência subjetiva”.

No §39 da *Krisis* Husserl pergunta pela possibilidade de tematizar esse mundo da vida,

pressuposto e pré-dado a toda experiência:

Como pode, então, o ser pré-dado do mundo da vida tornar-se um tema autônomo e universal? Manifestamente, apenas por uma *alteração total* da atitude natural, uma alteração na qual não mais vivemos como até aqui como homens na existência natural na efetivação constante da validade do mundo pré-dado, mas, pelo contrário, abtemo-nos permanentemente dessa efetivação. Só assim podemos alcançar o tema transformado, de uma nova espécie, “pré-doação do mundo como tal”, o mundo pura e totalmente, de modo exclusivo, como *aquele que e tal como* na vida da nossa consciência tem sentido e validade de ser, e os adquire em figuras sempre novas. (HUSSERL, 2012, p. 120-121, <151>)

E continua:

Só assim podemos estudar o que é o mundo como solo de validade da vida natural, em tudo o que nele se propõe e dispõe, e, correlativamente, o que em última instância é a vida natural e a sua subjetividade, ou seja, puramente como a subjetividade aí funciona como efetivadora de validade. A vida que realiza a validade do mundo, validade própria da vida natural do mundo, não se deixa estudar na atitude desta vida

natural do mundo. Ela necessita, por isso, de uma alteração *total*, de uma *epoché universal*, de uma *espécie completamente única*.¹⁶ (HUSSERL, 2012, p.121, <151>)

Um entorno cotidiano, pré-científico, intuitivo e subjetivo-relativo, solo e horizonte da experiência, pré-dado, não seria próprio a uma única vida, tão singular quanto essa vida? Pergunta Blumenberg, esse leitor *sui generis* de Husserl:

Se cada um tem e vive sua vida, por que razão não deveria ter também cada um seu mundo da vida? [...] Sob que pressupostos é possível falar, então, de uma "teoria DO mundo da vida", postulá-la? (BLUMMENBERG, 2013, p. 11).

Sem considerar a própria noção de vida, para cuja dificuldade de determinação conceitual também chama a atenção longamente Blumenberg (2013, p. 11-27), seria este um mundo comum ou compartilhado como uma crença - como escreveu Husserl no trecho que citamos acima: "cremos necessariamente no mundo, com as mesmas coisas que, contudo,

nos aparecem diversamente"? Não se trata, em Husserl, ainda segundo Blumenberg, de uma "redução eidética à essência dos mundos da vida fácticos", como se poderia ou se deveria esperar a partir do método fenomenológico (2013, p. 11). De que se trata então?

Considerando a *Krisis*, escreve François de Gandt que "o mundo da vida é, de início, o mundo da experiência, aquele onde vem se colocar todas as evidências que podem justificar um enunciado ou uma teoria, é o lugar de toda fundamentação" (2008, p. 106). Trata-se daquele "solo último de validação na experiência e na evidência", no que mais interessa a Husserl. No entanto, outras características desse mundo são reconhecidas por Husserl, em particular nos parágrafos 34 e 44 dessa obra, assim sintetizadas por De Gandt:

[...] o mundo da vida é (a) cotidiano, por oposição ao mundo do estudioso (*savant*), é o mundo ao qual o estudioso retorna uma vez realizado o seu trabalho; (b) comum a todos os homens e não partilhado por alguns especialistas; (c) subjetivo e relativo, por oposição à objetividade pretendida do mundo da ciência; (d) em movimento permanente, por oposição ao mundo fixo e perfeitamente determinado da ciência; (e) colorido de

¹⁶ O anexo XX a este §39 (Husserl, 2012, p.389-393, <468> a <472>) vai desenvolver as características e as condições dessa *époche* assim tão específica.

subjetividade, de presença humana, por oposição a um mundo de coisas ou de objetos físicos; (f) efetivamente experimentado, por oposição ao mundo dito objetivo, que na realidade não é experimentado e não o pode ser; (2008, p. 106) (letras entre parênteses colocadas por nós, no lugar dos traços - usados por De Gandt)

Como é possível conciliar com estas características a ideia de que este mundo, o mundo da vida, seja o “solo último de validação na experiência e na evidência”? As coisas nos aparecem diversamente - e o mundo? Como ele nos aparece? Na atitude natural ele é o solo e o horizonte de todas as práticas e de todas as teorias, ele é prévio a estas, ainda que não tematizado explicitamente. Quase que não nos aparece, nesse sentido, na medida em que não é tematizado, mas é “solo” e “horizonte” de toda experiência, prática e teórica. Ao final do longo §9 da *Krisis* Husserl escreve:

Pertence mesmo às dificuldades maiores de um modo de pensar <60> que procura fazer valer por toda parte a “intuição originária”, ou seja, o mundo da vida pré e extra-científico, que compreende em si toda a vida real (inclusive a vida do pensar científico) e a alimenta enquanto fonte das formações de sentido elaboradas -

uma das dificuldades desse modo de pensar, digo, é o dever de escolher a maneira de falar ingênua da vida, mas também de adaptá-la como um instrumento ao que requer a evidência das demonstrações. (HUSSERL, 2012, p.47, <59-60>)

E continua, com ênfase:

Revelar-se-á progressivamente e, por fim, inteiramente, que o único caminho possível para ultrapassar a ingenuidade filosófica que reside na “cientificidade” da filosofia objetivista tradicional é o correto retorno à simplicidade ingênua da vida [*Naiivität*], mas numa reflexão que se eleva acima dela, revelação que abrirá as portas à nova dimensão já repetidamente anunciada.” (*idem, ibidem*)

Assim, retomando estes pontos, podemos dizer que, em suma, fazer valer a “intuição originária” equivale aqui a fazer valer esse “mundo da vida pré e extra-científico”, “fonte” originária de todo conhecimento ou sentido mais elaborado, onde Husserl vai buscar o fundamento último que parece faltar às ciências, retornando “à simplicidade ingênua da vida”. Tendo inclusive o “dever de escolher a maneira de falar ingênua da vida”, adaptando-a às exigências de uma demonstração ou mostração de evidência.

Mas a consciência mais ingênua, aquela ingenuidade da experiência primordial, esta que está na relação primeira como o mundo, não é desde sempre formada histórica e socialmente, sensível e linguisticamente formatada? Suspende a fé, a convicção no mundo que se lhe apresenta assim estruturado, não tomar como existente tal aparecer do mundo, nos coloca diante do quê? A visada prática, empírica, sobre o mundo, suspensa, desconectada, nos deixa com a visada de quê? De um mundo de vida não prática, ou de uma relação prática entre uma consciência e um mundo que lhe é correlato? Mas o mundo da vida considerado fenomenologicamente está nessa correlação, na apreensão da relação, e não em um mundo supostamente existente em si mesmo.

Então, quando pensamos no mundo da vida pensamos aqui nessa correlação entre uma consciência que visa e um objeto visado, correlação desde sempre estruturada histórica-temporalmente e linguisticamente. Mas pensar assim seria adotar uma atitude natural, seria uma visada empírica e não transcendental? O solo e o horizonte de uma experiência subjetiva, experiência originária no terreno da vida, não estão no território próprio da vida, esse pressuposto de todo trabalho teórico-científico, solo de que partem as

construções teóricas, ponto de partida e seu horizonte, ponto de referência de todas as atividades práticas e teóricas? O mundo da vida é da vida, e não há vida de uma consciência pura ou de pura consciência, a vida é a consciência no mundo e na história, numa rede de relações concretas que são apropriadas ou reapropriadas pela consciência reflexiva, seja em sua realização mundana, seja em sua realização fenomenológica, apropriação efetuada pelo próprio sujeito, em sua posição natural ou transcendental.

Referindo-se a esta obra dos últimos anos de Husserl, a *Krisis*, Jocelyn Benoist assim nomeia o que considera sua preocupação ou “nervo” central: “Trata-se de reencontrar as condições sob as quais a ciência pode fazer sentido para o homem, e, para este fim, reconectar os princípios dessa mesma ciência com as intuições básicas do “mundo-da-vida”, esse mundo no qual se desdobra a atividade prático-histórica do homem, tendo como fundo um universo social partilhado.” (BENOIST, 1998, p. 210)

Inúmeras são as dificuldades desse empreendimento, desde a fundamentação das ciências em uma evidência intuitiva presente na relação originária do homem com o mundo, evidência e relação de que elas se afastaram muito em sua constituição e desenvolvimento, até o

caráter enigmático desse próprio mundo, como já o indica Housset no título de sua obra, *Husserl et l'énigme du monde* (HOUSSET, 2000). Pergunta Zahavi, depois de reafirmar o entendimento do mundo da vida como “ponto de referência” e “fundamento de sentido” da teoria científica que o “transcendeu” em sua idealização e matematização: “Mas o que é exatamente o mundo da vida? Infelizmente, não é possível dar uma resposta simples a essa pergunta. O conceito husserliano do mundo da vida é plurissignificativo e o significado exato da palavra depende do respectivo contexto.” (ZAHAVI, 2015, p. 186)

Como se sabe, são também múltiplas e controversas as interpretações dadas a esse conceito pelos leitores de Husserl, divergindo, por exemplo, sobre o lugar da consciência pura, da intersubjetividade, da linguagem e da história em sua constituição, com posições que são também relativas aos modos de compreender ou definir o que seja a própria perspectiva fenomenológica e seus “legítimos” desdobramentos – o próprio Husserl, como também se sabe, estava constantemente retomando e revisando até seus princípios fundamentais – como o faz nessa última obra, outra “introdução à fenomenologia”, que é a *Krisis*. (Cf.

ZAHAVI, 2015; RICCEUR, 1986; WALDENFELS, 1997, entre outros)

O conceito de *Lebenswelt* permanece, segundo Perreau, “um dos mais equívocos da fenomenologia” (2010, p. 252), constituindo-se para o próprio Husserl no “enigma dos enigmas” (*apud* PERREAU, 2010, p. 252), envolvendo uma multiplicidade de questões conexas, com destaque para as que dizem respeito à fundamentação das ciências (KERN, 2008, p.223ss) e à estrutura da experiência vivida que lhes serve de base, questões sobre esse mundo que é simultaneamente solo e horizonte dessa experiência (PERREAU, 2010, p. 257), relativo à subjetividade e à intersubjetividade, ao mesmo tempo “particular” e “para todos” (BENOIST, 1998, p. 214, p. 216-217).

“Difícil compreender – escreve Waldenfels (1997, p. 45) – como o mundo da vida deveria adotar ao mesmo tempo formas históricas concretas e oferecer um fundamento universal mais além da história”. Benoist nomeia isto como uma “hesitação” em Husserl:

Há muito tempo já se notou que tudo se passa como se Husserl, em sua determinação do *Lebenswelt*, hesitasse entre dois polos: de um lado, um polo-intuitivo-sensível, tido como mais ou menos portador de universalidade; de outro, um polo histórico-cultural, em si

mesmo relativo. Trata-se precisamente da teoria do “núcleo intuitivo”, que circularia de uma a outra formação histórico-social determinada. Não se duvida que Husserl assinale uma dupla dimensão ao problema: por um lado, o *Lebenswelt* enquanto mundo sensível, mundo de minha experiência natural, e, por outro, como mundo determinado por meu pertencimento social e histórico. (BENOIST, 1998, p. 218)

Sem pretender resolver de todo esse enigma do mundo da vida, a ideia que aqui se propõe pretende contribuir para seu esclarecimento, dando continuidade às investigações do “enxerto hermenêutico da fenomenologia” levado a cabo por Paul Ricœur, enxerto que parece permitir considerar entrelaçados os fios que aqui aparecem tão separados, o sensível e o histórico-cultural, o subjetivo e o intersubjetivo, o particular e o universal. Isso fica mais evidente na consideração do entrelaçamento entre a experiência do tempo e as narrativas que Ricœur elabora profundamente em *Temps et Récit*, mostrando como a primeira é articulada e trazida à linguagem pelas segundas, que não só apreendem essa experiência como também a configuram, num trabalho que culmina com, por um lado, o desenho de um mundo, um horizonte de significações para as ações e os

acontecimentos, e, por outro, mas intimamente relacionado a este, com o desenho de uma identidade para os sujeitos que vivem e agem nesse mundo, sujeitos individuais ou coletivos, uma identidade narrativa que dá conta da dimensão temporal de sua existência, dá conta das transformações inevitáveis – as “figuras sempre novas” a que nos referimos antes com Husserl – que acompanham a passagem do tempo, escapando à alternativa entre a permanência imutável de uma essência qualquer e a dissolução de qualquer identidade numa transformação sem limites.

Essas configurações ganham expressão materializada não só nas narrativas que os próprios sujeitos se fazem na vida prática, no desenrolar de sua existência – tecendo-as com os elementos recebidos da linguagem e da cultura de que participam, incorporando a elas suas ações, os acontecimentos de seu tempo e suas transformações, compartilhando-as com seus contemporâneos em trocas cotidianas de pequenas histórias – mas também nas narrativas de ficção que são produzidas como obras literárias, onde se materializam em forma fixada como texto de contorno definido e se prestam sobremaneira para a investigação de sua estrutura e dos seus efeitos, do modo como participam da estruturação de um mundo e como exercem sua mediação

da dimensão temporal da existência. Como mostrou Ricœur - e examinamos e discutimos longamente em *Para uma poética da modernidade* (GENTIL, 2004) e desenvolvemos em outros momentos (GENTIL, 2009; 2011a ;2011b; 2011c; 2015) - as narrativas de ficção estruturadas como obras propõem um mundo, um mundo possível de ser habitado pelo leitor, por seus possíveis mais próprios. Cada narrativa, ao acompanhar o desenrolar de uma ação e suas consequências, não só articula esse desdobramento temporal próprio às ações como também o faz, e só o pode fazer, num horizonte de significações próprio, horizonte que configura o seu mundo, o mundo desenhado por aquele texto, por aquele conjunto de palavras composto daquela maneira específica, naquela ordem, com aquele começo e com aquele fim, o "mundo do texto". Embora este seja distinto do "mundo da ação", mantém com ele relações de mediação e modelo, num sentido de modelo muito próximo do modelo com que trabalham as ciências contemporâneas, construção idealizada de uma estrutura definida, que Ricœur explorou na sua investigação do enunciado metafórico e seu modo de fazer referência ao mundo, examinando, entre outros, o trabalho clássico de Max Black, *Models and Metaphors* (RICŒUR, 1975).

Na distinção entre as narrativas históricas, que buscam narrar o que aconteceu no passado, e as narrativas de ficção, que buscam narrar o que poderia acontecer, destaca-se o caráter de *laboratório* da literatura de ficção¹⁷, o caráter de "variações imaginativas" próprio das narrativas de ficção. Elas investigam, nesse sentido, possibilidades de ação em situações diversas, com diferentes personagens, com valores e consequências as mais diversas, construindo nesse trabalho de imaginação e linguagem algo próximo dos modelos das ciências, ainda que sem a preocupação de corresponder diretamente a alguma realidade exterior, propondo por si mesmas um mundo a ser habitado.

¹⁷ "Laboratório e festa dos possíveis", na expressão de Ernest Bloch em *O Princípio Esperança*, que, além disso, começa com a consideração de uma dimensão interessante do mundo da vida cotidiana, os "sonhos" diurnos, pequenos desejos configurados em sonhos ou fantasias (Cf. tradução brasileira do vol.1 por Nélío Schneider - Rio de Janeiro, EDUERJ/Contraponto, 2005). Põe-se como um desafio interessante incorporar à descrição do mundo da vida estes sonhos, encontrar-lhes o devido lugar, levando em consideração a revolução que significou, para a compreensão do humano, o lugar dado por Freud aos sonhos noturnos e às fantasias.

Todo um mundo é aí configurado, ainda que não explicitado como tal, mas que se faz presente como horizonte de significações que dá algum sentido àquelas ações e que cabe à interpretação desvelar, explicitar. Diferentemente do horizonte do mundo da vida em sua abertura ao infinito (HOUSSET, 2000, p.17), este se apresenta a partir da estrutura do texto, delimitado por ele e, portanto mais passível de ser apreendido de modo inteligível, como modelo, como construção ideal.¹⁸

Num certo sentido – a ser investigado, tomado aqui como hipótese e ponto de partida –, a leitura de narrativas de ficção parece nos dar uma posição peculiar, de ruptura com a atitude natural e de alargamento de nossa visão, posição

¹⁸ Um ganho não desprezível, que Ricœur vê também na atenção não só ao domínio objetivado da linguagem mas também a todo o conhecimento produzido pelas inúmeras ciências da linguagem – tornam-se as construções linguísticas não só mediações significativas para alcançar dimensões da existência de difícil se não impossível acesso por outros caminhos, como oferecem, essas ciências da linguagem, um paradigma diferente do das ciências naturais, paradigma que ele considera mais apropriado às ciências ditas do espírito, humanas ou sociais. Cf. RICŒUR, 1986; GAGNEBIN, 2006; GENTIL, 2014.

que Housset (2000, p. 19-20) atribui à redução fenomenológica, posição de poder olhar para a totalidade do mundo proposto por aquela narrativa sem estar na atitude natural das personagens que habitam aquele mundo e vivem no interior de seu horizonte, com seu horizonte, sem se dar conta dele, sem tomá-lo como objeto de pensamento. Da posição de leitor pode-se olhar para o próprio olhar da atitude natural daquele mundo e para seu horizonte.

A leitura que Ricœur (1984) empreende de três grandes romances – *Mrs Dalloway*, de Virginia Woolf, *A montanha mágica* de Thomas Mann, *Em busca do tempo perdido* de Marcel Proust – deixa evidente o imenso valor em abordá-los como variações imaginativas, como “experiências fictícias” do tempo que revelam muitas dimensões da temporalidade humana, inacessíveis por outras vias: as escavações e os subterrâneos do instante que o alargam ao infinito, no romance de Woolf, as diferentes experiências de eternidade no de Mann, o tempo perdido, a morte e a escrita no de Proust, só para indicar os caminhos dessa exploração.

Mas essas narrativas de ficção, na concepção de Ricœur, não se esgotam nessa proposição de mundos imaginários, e embora não façam referência direta ao mundo da ação, mantém com este uma relação importante, com ao menos duas

dimensões: fazem referência a ele de modo indireto e participam de sua constituição, de sua configuração, pelo lugar de mediação que ocupam entre um momento e outro, entre o mundo da ação do autor, dito pré-figurado por referência ao mundo configurado na obra, mundo em que veio à luz pelo trabalho do autor que aí vive e age, e o mundo refigurado, mundo da ação do leitor, que traz o mundo projetado pelo texto para a existência pela leitura e ganha, através desta, um mundo da ação transformado, refigurado pela fusão de horizontes entre o mundo do texto e seu mundo da ação. Esse processo, esclarecido por Ricœur como sendo o de uma *mimesis* desdobrada em três momentos (RICŒUR, 1983; GENTIL 2004), dá um lugar aos textos de ficção na constituição do mundo humano - "mundo da ação" em Ricœur, "mundo da vida" em Husserl - e revela o caráter desde sempre figurado desse mundo: figurado em linguagem e pela linguagem, ainda que esta não seja a totalidade desse mundo, articulado de alguma maneira em uma estrutura de significações, de que as narrativas de ficção são exemplo e modelo exploratório.

Mesmo que se possa colocar questões a essa compreensão do mundo da vida - enfatizando, por exemplo, a dimensão da intuição sensível em detrimento das

mediações simbólicas, ou entendendo ser a experiência temporal muda e sem sentido prévio e não uma experiência já estruturada simbolicamente mesmo antes de ser trazida à linguagem em forma narrativa - pode-se tomar como ponto de partida essa maneira de compreender as narrativas de ficção e suas relações com o mundo da ação e, através da análise e interpretação crítica de narrativas, com o exame de todos os fundamentos e pressupostos envolvidos nessa perspectiva de interpretação, avaliar o quanto as estruturas desses mundos imaginários construídos linguisticamente - nessas narrativas em que se experimentam variações para as ações, dando-lhes algum sentido em seu desdobramento temporal - podem revelar das estruturas do mundo da vida, em seu desdobramento temporal e articulação linguística, como expressões de sua sedimentação e de suas possibilidades.

Eis a hipótese central que este trabalho apresenta: a investigação de narrativas de ficção específicas, considerando sua estrutura e sua função mimética tais como compreendidas por Paul Ricœur, com seu lugar de mediação entre dois momentos ou dois mundos da ação, contribuirá para elucidar as dimensões do tempo e da linguagem próprias ao mundo da vida. Entende-

se que a crítica dos fundamentos de tal perspectiva em seu exercício, com a discussão da validade, dos limites e do alcance dessa maneira de compreender as narrativas, ganhará fôlego e contraste iluminador com o exame simultâneo das investigações de Husserl sobre a crise das ciências e o lugar que aí ocupa o mundo da vida (KERN, 2008; HUSSERL, 2012; BENOIST, 1998).

CONCLUSÕES

A investigação de outros tipos de narrativa a partir destas pode ser o desdobramento de um trabalho interdisciplinar de vasto alcance: como a construção do conhecimento numa linguagem científica que escapa à linguagem comum, como destacou Hannah Arendt, pode vir a participar da mundo da vida? Como os sujeitos – individual ou coletivamente – articulam suas experiências na narrativa de suas ações e dos acontecimentos que ocorrem em suas vidas, na narrativa de sua história de vida ou da história da coletividade de que fazem parte? Como essas narrativas constituem o horizonte de seu mundo da vida e que implicações podem ter para sua compreensão desse horizonte, de si mesmo e de suas ações? Os trabalhos de Richard Kearney (2002; 2003) sobre as histórias e suas implicações para a

compreensão da alteridade revelam a potencialidade dessa perspectiva. Evidentemente, a consideração dessas narrativas pode levar a colocar em questão e refazer a estrutura básica de compreensão de seu lugar na existência estabelecida por Ricœur e que foi aqui tomada como referência organizadora. Parece-nos que se abre assim um caminho muito interessante para a investigação do “enigma” do *Lebenswelt*.

REFERÊNCIAS

- BENOIST, J. “O mundo para todos: universalidade e *Lebenswelt* no último Husserl”. *Discurso*, n.29, p.209-238, São Paulo, 1998.
- BENOIST, J. (dir.) *Husserl (Les Cahiers d’Histoire de la Philosophie)*. Paris: Cerf, 2008.
- De GRANDT, F. “Husserl et la science du monde de l’avie” in Majolino, C. et Gandt, F. (ed.) *Lectures de la Krisis de Husserl*, p.103-122. Paris : Vrin, 2008.
- GAGNEBIN, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GENTIL, H. S. *Para uma poética da modernidade: a arte do romance em Temps et Récit de Paul Ricœur*. São Paulo: Loyola, 2004.
- GENTIL, H. S. “Figurações da subjetividade pela literatura: perspectivas a partir da hermenêutica de Paul Ricœur” in Morato, GENTIL, H. S.; FERRAZ, M. S.; PIVA, J. (orgs.), *Ensaio sobre filosofia francesa contemporânea*. São Paulo: Alameda, 2009, p.247-260.
- GENTIL, H. S. “Variações imaginativas, história e ficção na investigação da

- condição humana a partir de Paul Ricœur” in Tourinho, C.D.C. e Bicudo, M.A.V. (orgs.) *Fenomenologia, influxos e dissidências*, p.169-179. GT de Fenomenologia /ANPOF. Rio de Janeiro: Booklink, 2011a.
- GENTIL, H. S. “Historicidade e compreensão das narrativas de ficção a partir de Paul Ricœur” in Paula, Adna C. e Sperber, Suzi F. (orgs.), *Teoria literária e hermenêutica ricœuriana: um diálogo possível*, p.177-193. Dourados/MS: UFGD, 2011b.
- GENTIL, H. S. “Ética e ficção: uma relação a partir da hermenêutica de Paul Ricœur” in Leonhardt, R.J. e Corá, E.J. (orgs.) *O legado de Ricœur*, p.195-209. Guarapuava: Unicentro, 2011c.
- GENTIL, H. S. “Paul Ricœur: pode a fenomenologia não ser hermenêutica?” in Tourinho, C.D.C. (org.) *Origens e caminhos da fenomenologia*, p. 136-149. GT de Fenomenologia / ANPOF. Rio de Janeiro: Booklink, 2014.
- GENTIL, H. S. “Fenomenologia e hermenêutica: relações em Paul Ricœur”. *Revista SOFIA*, v.4, n.2, p.296-302, Agosto/Dezembro 2015.
- GENTIL, H. S. “Narrativas de ficção e existência: contribuições de Paul Ricœur”. *Viso – Cadernos de estética aplicada*. Revista eletrônica de estética, n.17, p. 166-176, jul-dez/2015.
- HOUSSET, E. *Husserl et l'énigme du monde*. Paris: Seuil, 2000.
- HUSSERL, E. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Introdução e tradução Urbano Zilles. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 1996.
- HUSSERL, E. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Trad. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- KEARNEY, R. *On stories*. London: Routledge, 2002.
- KEARNEY, R. *Strangers, Gods and Monsters: interpreting otherness*. London: Routledge, 2003.
- KERN, I. “ Le monde de la vie comme problème du fondement des sciences objectives et comme problème universal de la vérité et de l'être” in Majolino, C. et Gandt, F. (ed.) *Lectures de la Krisis de Husserl*, p.223-235. Paris : Vrin, 2008.
- MAJOLINO, C. et GANDT, F. (ed.) *Lectures de la Krisis de Husserl*. Paris: Vrin, 2008.
- PERREAU, L. “Le monde de la vie” in Benoist, J. et Gérard, V. (dir), *Lectures de Husserl*, p.251-272. Paris: Ellipses, 2010.
- PORTOCARRERO, M. L. “Fenomenologia do tempo e poética narrativa em Paul Ricœur”, in Santos, J.M.; Alves, P.M.S.; Barata, A. (coord.) *A fenomenologia hoje: Actas do Primeiro Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Filosofia Fenomenológica*, p.349-364. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, outubro de 2002.
- RICŒUR, P. *La métaphore vive*. Paris: Seuil, 1975.
- RICŒUR, P. *Temps et Récit I*. Paris: Seuil, 1983.
- RICŒUR, P. *Temps et Récit II*. Paris: Seuil, 1984.
- RICŒUR, P. *Temps et Récit III*. Paris: Seuil, 1985.
- RICŒUR, P. *Du text à l'action : essais de herméneutique II*. Paris: Seuil, 1986.
- RICŒUR, P. *A l'école de la phénoménologie*. Paris: Vrin, 1986.
- RICŒUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1990.
- RICŒUR, P. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.
- SMITH, B. “Common sense” in Smith, B. and Smith, D.W. (ed) *The Cambridge Companion to Husserl*, p. 394-437. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

WALDENFELS, B. *De Husserl a Derrida: introducción a la fenomenología*. Traducción de Wolfgang Wegscheider. Buenos Aires: Paidós, 1997.
ZAHAVI, D. *A Fenomenologia de Husserl*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Viaveritas, 2015.

Submetido: 04 de agosto 2017

Aceito: 15 de agosto 2017